

ELEMENTOS DE APROXIMAÇÃO NA DIVERSIDADE RELIGIOSA: UMA ABORDAGEM TEOLÓGICA SOBRE IDEIAS SIMILARES NOS ESCRITOS SAGRADOS DO CRISTIANISMO, TAOÍSMO E HINDUÍSMO

*APPROXIMATION ELEMENTS IN RELIGIOUS DIVERSITY: A THEOLOGICAL
APPROACH ON SIMILAR IDEAS IN THE SACRED WRITINGS OF CHRISTIANITY,
TAOISM, AND HINDUISM*

*ELEMENTOS DE ACERCAMIENTO EN LA DIVERSIDAD RELIGIOSA: REFLEXIÓN
TEOLÓGICA SOBRE IDEAS SIMILARES EN ESCRITOS SAGRADOS DEL
CRISTIANISMO, TAOÍSMO E HINDUISMO*

Carlos Renato de Albuquerque Moreno¹
Sandra Morais Ribeiro dos Santos²

Resumo

Em um mundo pós-moderno, em que o pluralismo cultural e religioso se destaca, uma teologia cristã de caráter exclusivista não é mais uma alternativa viável. É essencial reconhecer o caráter de revelação divina presente em outras tradições religiosas, ainda que sejam significativamente diferentes daquelas da fé cristã. Neste contexto, é importante desenvolver uma perspectiva teológica a respeito das similaridades presentes em três das religiões mais tradicionais: o cristianismo, o hinduísmo e o taoísmo. Embora tenham se desenvolvido em contextos diferentes, estas tradições possuem ideias fundamentais que convergem em diversos aspectos. Logo, este fato poderia sugerir uma origem comum: uma divindade única, que se revela conforme as necessidades de cada povo e momento histórico. É evidente que as tradições possuem diferenças que, por vezes, são inconciliáveis; entretanto, tais diferenças fundamentam a necessidade do diálogo entre as religiões, em favor do enriquecimento das tradições e fortalecimento da fé. Este diálogo, porém, não deve ter um caráter de assimilação, no sentido de absorver a diversidade para formar uma religião universal. Por meio de uma revisão bibliográfica consistente, o presente artigo fornece instrumentos ao teólogo cristão para que possa compreender a relevância de ideias semelhantes entre os escritos sagrados das três religiões estudadas e, assim, construir um diálogo inter-religioso efetivo.

Palavras-chave: pluralismo; diálogo inter-religioso; Cristianismo; Hinduísmo; Taoísmo.

Abstract

In a postmodern world, where cultural and religious pluralism stands out, an exclusivist Christian theology is no longer a viable alternative. It is essential to recognize the character of divine revelation present in other religious traditions, even if they are significantly different from those of the Christian faith. In this context, it is important to develop a theological perspective on the similarities present in three of the most traditional religions: Christianity, Hinduism, and Taoism. Although they have developed in different contexts, these traditions have fundamental ideas that converge in different aspects. Therefore, this fact could suggest a common origin: a single divinity, which reveals itself according to the needs of each people and historical moment. It is evident that traditions have differences that are sometimes irreconcilable; however, such differences underlie the need for dialogue between religions, in favor of enriching traditions and strengthening faith. This dialogue, however, should not have a character of assimilation, in the sense of absorbing diversity in order to form a universal religion. Through a consistent bibliographical review, this article provides instruments to the Christian theologian so that he can understand the relevance of similar ideas among the sacred writings of the three religions studied and, thus, build an effective inter-religious dialogue.

¹ Especialista em Filosofia, Sociologia, Neuroaprendizagem e Psicologia Social, graduando do curso de Bacharelado em Teologia do Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: renatomcz@hotmail.com.

² Doutoranda e Mestre em Teologia, Especialista em História das Religiões e Docência em EAD, Teóloga e Pedagoga, professora da área de Humanidades do Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: kaluribeiro@gmail.com.

Keywords: pluralism; interfaith dialogue; Christianity; Hinduism; Taoism.

Resumen

En un mundo posmoderno, en donde el pluralismo cultural y religioso se destaca, una teología cristiana de carácter exclusivista ya no es alternativa viable. Se hace esencial reconocer el carácter de revelación divina presente en otras tradiciones religiosas, aunque sean significativamente distintas a las de la fe cristiana. En ese contexto, es importante desarrollar una perspectiva teológica sobre las similitudes presentes en tres de las religiones más tradicionales: el cristianismo, el hinduismo y el taoísmo. Aunque se hayan desarrollado en contextos diferentes, esas tradiciones tienen ideas fundamentales, que coinciden en diversos aspectos. De manera que ese hecho podría sugerir un origen común: una divinidad única, que se revela conforme las necesidades de cada pueblo y momento histórico. Es evidente que las tradiciones tienen diferencias a veces inconciliables, sin embargo, tales diferencias fundamentan la necesidad de diálogo entre las religiones, en beneficio del enriquecimiento de las tradiciones y fortalecimiento de la fe. Ese diálogo, no obstante, no debe tener un carácter de asimilación, en el sentido de absorber la diversidad para formar una religión universal. Por medio de revisión bibliográfica consistente, el presente artículo ofrece instrumentos al teólogo cristiano para comprender la relevancia de ideas semejantes entre los escritos sagrados de las tres religiones estudiadas para, de esa forma, construir un diálogo interreligioso efectivo.

Palabras-clave: pluralismo; diálogo interreligioso; Cristianismo; Hinduismo; Taoísmo.

1 Introdução

O pluralismo característico da pós-modernidade transforma as relações sociais e, dessa forma, também a compreensão da experiência religiosa por parte da sociedade. O fácil acesso que a globalização traz ao conhecimento, a respeito de uma vasta gama de doutrinas religiosas existentes no planeta, possibilita a vivência de experiências diversas quanto à relação com o divino e certo sincretismo religioso; entretanto, este processo tem provocado, por vezes, reações de intolerância entre grupos religiosos.

A condição de incerteza que acompanha o pluralismo e que obriga os indivíduos a “reinventar o mundo a cada dia” — em virtude de uma realidade que se apresenta repleta de possibilidades de interpretação — provoca em muitas pessoas uma reação de defesa de suas crenças e de sua “comunidade”. Esta reação explica o surgimento dos fundamentalismos e dos integristas da atualidade (TEIXEIRA, 2012).

O fazer teológico para se tornar relevante, em um mundo globalizado, tecnológico e pós-moderno, necessita de ampla abrangência, afastando-se dos rincões do exclusivismo e do engessamento teórico e se deslocar em direção à diversidade de ideias, à ressignificação, ao diálogo e à aplicabilidade de seu saber.

Neste panorama, é fulcral olhar o outro em suas crenças e em sua relação com o sagrado. No âmbito da teologia cristã, a ideia de que há um único Deus que é criador de todas as coisas, longe de apontar para um isolacionismo, deve favorecer a compreensão de que Ele é a fonte que move todos os seres, não obstante as suas diferenças.

Para o teólogo cristão é necessária a prática de uma boa exegese dos textos bíblicos, fugindo dos fundamentalismos e compreendendo que tais textos foram escritos com finalidades específicas, em contextos singulares e, por vezes, para um público particular.

É importante entender, por exemplo, que os primeiros cristãos não guardaram a tradição de Jesus com um interesse histórico, mas para atender as necessidades de proclamação da “nova fé”, das celebrações litúrgicas ou da organização — em termos éticos das novas comunidades cristãs (MARGUERAT, 2015). Destarte, ao se interpretar os textos bíblicos, tais características devem ser consideradas para evitar distorções na mensagem dos textos sagrados que, por vezes, possam justificar intolerâncias.

A interpretação bíblica, feita a partir de um prisma mais amplo e coerente com a realidade daqueles Escritos, tornará as semelhanças entre os textos sagrados judaico-cristãos e textos de outras tradições religiosas perceptíveis; assim, haverá o reconhecimento de que elas também são expressões da revelação de Deus.

É evidente que não se pode nivelar tudo, mas apenas reconhecer que, não obstante as diferenças e singularidades, existem certas afinidades fundamentais, ainda que sejam difíceis de defini-las (QUEIRUGA, 2010).

Isto posto, a presente reflexão propõe o estudo, sem a pretensão de ser exaustivo, da existência de possíveis pontos de convergência entre ideias elementares nas teologias cristã, taoísta e hinduísta e sua influência sobre o diálogo inter-religioso. Para tal, investigam-se: os contextos em que foram escritos os livros sagrados destas religiões; o significado de algumas expressões que fundamentam as ideias contidas nos textos, com aparente similaridade entre os escritos sagrados; e, por fim, objetiva-se compreender como a existência dos textos, possivelmente similares, pode influenciar o diálogo entre a teologia cristã e as demais religiões.

A hipótese aqui defendida, e que será abordada ao longo da reflexão, indica a plausibilidade da existência de pontos em comum nas teologias do cristianismo, taoísmo e hinduísmo. Segundo esta hipótese, tais semelhanças podem contribuir para uma nova compreensão da revelação divina, considerando o pluralismo e reconhecendo nas diversas expressões religiosas também manifestações de Deus, o que favorece o diálogo inter-religioso.

Para os fins deste estudo, selecionaram-se, entre as Escrituras Sagradas das três religiões, as traduções que foram vertidas para a língua portuguesa diretamente a partir dos correspondentes idiomas originais.

2 Contextos históricos e filosóficos dos textos sagrados do cristianismo, hinduísmo e taoísmo

Para uma análise da possível ocorrência de similaridades entre os textos sagrados do cristianismo, hinduísmo e taoísmo, não basta uma leitura dos textos; é preciso a compreensão a respeito dos contextos em que eles foram escritos e do significado que eles possuíam para seus primeiros leitores, bem como a respeito da intenção dos autores ao escrevê-los. Assim, como esclarece Garcia-Jalón (2011, p. 260, tradução nossa):

Quando se empreende a interpretação de qualquer texto escrito, é imprescindível começar se perguntando pelo gênero de ato que se deseja cumprir mediante o discurso ao qual pertence. A resposta dada a esta questão determinará a identidade das instâncias de enunciação textual e o significado do texto.

Entretanto, tal informação nem sempre estará presente no texto a ser interpretado; neste caso, o autor sugere que:

A informação acerca do tipo de ato a cujo serviço está posto um discurso se obterá recorrendo-se a fontes extralinguísticas que esclareçam em que consistem os gêneros constituintes na época e na sociedade ao qual pertence o discurso que se irá interpretar. (GARCIA-JALÓN, 2011, p. 256, tradução nossa)

Quando o objetivo é interpretar a Bíblia, é importante perceber que se trata de textos característicos do gênero religioso, escrito por diversos autores em épocas e regiões diversas e com motivações diferentes.

Quanto à interpretação do Novo Testamento, é necessário lembrar que ele deve ser lido à luz dos textos veterotestamentários enquanto fundantes do gênero, assim como ter em mente que:

[...] os evangelistas recordam Jesus, a partir das experiências interpretativas proporcionadas por sua ressurreição, mas não se pode esquecer que, ao narrar, não estão situados imediatamente após essas experiências. Passaram-se uns trinta ou quarenta anos desde então (SEGUNDO, 2019, p. 129-130).

Um ponto importante a se considerar, no que diz respeito aos textos dos evangelhos, é o objetivo para o qual eles foram escritos, pois, conforme Segundo (2019, p. 102):

Não é em vão que o título genérico de “evangelhos” é usado para o gênero de obras que não se confundem com “biografias” ou com “história”. Tampouco se trata de um mero tipo de jornalismo, de transmitir “notícias”. Trata-se de comunicar - é verdade - uma notícia; mas somos advertidos de que é “boa”. E tudo o que vem após tal princípio está imantado pela tentativa de mostrar que é realmente “boa”.

Em se tratando das Cartas, existem as que foram escritas para comunidades cristãs específicas, outras para uma pessoa em particular e algumas que tinham como objetivo a

circulação entre as recém-criadas comunidades cristãs; logo, tais contextos devem ser considerados ao interpretar um texto bíblico.

A primeira carta de Paulo aos Coríntios, por exemplo, revela a luta do apóstolo para orientar uma comunidade situada em uma cidade grega caracterizada pela diversidade de cultos e que estava sendo influenciada por membros que buscavam introduzir na igreja ideias estranhas ao cristianismo. Na segunda carta, Paulo precisa reafirmar sua autoridade, enquanto mensageiro de Cristo, que estava sendo questionada por alguns membros.

Na carta aos Hebreus, o autor busca nos textos do Antigo Testamento fundamentos para sua homilia cuja finalidade é lembrar a seus destinatários a importância de Jesus Cristo e de Sua obra.

A Primeira Carta de Pedro, escrita, provavelmente, após a destruição do Templo pelos romanos, é dirigida a cristãos que sofriam perseguições em seu cotidiano, no sentido de encorajar a suportá-las; daí a ênfase dada à conexão entre os sofrimentos pessoais e os de Cristo, que também fora perseguido e morto injustamente.

É preciso considerar cada texto individualmente, com suas particularidades, seus objetivos e seus contextos, quando se deseja uma correta interpretação. Assim, a leitura de tais textos de forma literalista corrompe a mensagem bíblica e prejudica a apreensão do verdadeiro significado textual, fazendo com que as Escrituras passem a “dizer” qualquer coisa que deseje aquele que se propõe a “interpretá-la”.

No que diz respeito à religião hinduísta, antes de qualquer esforço de interpretação de seus diversos textos sagrados, é importante entender que o hinduísmo, mais que uma religião, é considerado pelos próprios hindus um estilo de vida, pois está voltado mais para questões práticas do que filosóficas, embora também as possua.

Além disso, ao contrário do cristianismo que durante muito tempo em seu início lutou contra o que chamava de doutrinas falsas, o hinduísmo é receptivo às novas ideias e formas de culto, sendo uma de suas características o pluralismo, portanto “em vez de todas as novas ideias serem rejeitadas como heresias, inúmeras passam a ser incorporadas dentro do hinduísmo como novas perspectivas ou novas linhas dessa religião plural.” (NETO, 2020, p. 21).

No hinduísmo, os escritos religiosos são classificados em duas categorias: os Sruti, aqueles que foram revelados pelos deuses aos sábios e Smrti, os que são lembrados; referem-se, normalmente, a comentários ou épicos inspirados nos primeiros. Na primeira categoria, encontram-se os vedas e na segunda é possível citar, entre outros, o Mahabharata, um poema épico que narra a história de uma guerra entre os clãs Pandava e Kaurava.

Faz parte do Mahabharata³, a Bhagavad Gita, também conhecida simplesmente como Gita; este talvez seja o texto hindu mais conhecido do Ocidente, embora não faça parte formalmente da categoria dos textos védicos, já há muito tempo é considerado um texto revelado. Escolhe-se, dessa forma, esse texto como referencial do hinduísmo para os objetivos desta reflexão.

A obra se constitui de um curto episódio do grande poema épico sendo caracterizado por um diálogo entre os personagens Arjuna — um guerreiro Pandava — e Krsna, seu primo e encarnação da divindade. No momento anterior ao início da guerra, Arjuna reluta em voltar suas armas contra membros de sua própria família — os Pandava e os Karauva eram primos — e pede conselhos a Krsna. Todo o texto da Bhagavad Gita se compõe deste diálogo que possui reflexões filosóficas e teológicas⁴.

De acordo com Theodor (2015, p. 29): “É provável que a Bhagavad Gita tenha sido escrita entre os séculos IV e II a.C. e, como tal, pertence ao mesmo período dos grandes filósofos gregos Platão e Aristóteles.

Sinteticamente, do ponto de vista teológico, não obstante o vasto panteão do hinduísmo, na Bhagavad Gita, Krsna é considerado a encarnação do deus Vishnu que, por sua vez, seria como que uma manifestação do Deus Supremo Brahma, ou ao menos uma das pessoas da Trimurti — constructo teológico hinduísta que guarda algumas semelhanças à trindade cristã.

Outros dois conceitos importantes no hinduísmo da Bhagavad Gita são dharma e moksa. Enquanto o primeiro se refere ao dever moral dos indivíduos e de suas classes, estando relacionado ao agir, o segundo diz respeito à libertação dos ciclos de nascimento e morte — reencarnações — por meio da renúncia dos interesses próprios em favor da divindade suprema.

O taoísmo conhecido atualmente, com seus sacerdotes e templos constituídos, embora difira muito da filosofia do Tao proclamada por Lao-Tzu e registrada no Tao-Te-King — alguns escritores grafam Tao-Te-Ching —, tem esses escritos como fundantes da “religião do Tao”. Seu escritor, no entanto, é pouco conhecido mesmo pelos taoístas pois, de acordo com Wilhelm (2017, p. 15): “Em todo o seu opúsculo, ele não cita algum nome histórico, tampouco se

³ “O Mahabharata deve ser compreendido como uma narrativa moral e filosófica e não apenas histórica. Somente assim poderemos apreciar a significação do Bhagavad Gita, o Cântico do Senhor, que é parte do Mahabharata, mas que geralmente, aparece como excerto e é lido como uma obra religiosa à parte”. Cf. BUCK, William. **O Mahabharata**: o clássico poema épico recontado em prosa por William Buck. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 2014, p. 22

⁴ “Os Mestres hindus dizem que este livro maravilhoso tem sete sentidos, e aconselham ao leitor esforçar-se por penetrar no seu mais profundo sentido interior ou espiritual”. Cf. **Bhagavad-Gita**: a mensagem do mestre. Tradução de Francisco Valdomiro Lorenz. 22. ed. São Paulo: Pensamento, 2017, p. 8.

preocupa com seu momento histórico. Por isso, ele desaparece, para a China, em nebulosas distâncias, uma vez que ninguém lhe pode seguir os rastros⁵”.

Ao contrário do cristianismo que revela um Deus pessoal e até mesmo do hinduísmo com seu Deus Supremo na personalidade de Brahma, o taoísmo de Lao-Tzu não venera personalidades divinas; por esta razão, não possui originalmente cultos e nem se organiza em algum tipo de igreja, mas busca a reflexão interior individual.

O pequeno livro do velho mestre chinês, embora suspeito de diversas interpolações, baseia toda a sua metafísica, segundo Wilhelm (2017, p. 22):

[...] fundamentalmente na intuição inacessível à fixação rigorosa de noções; Lao-Tzu designa-a com a palavra Tao apenas para dar um nome aproximado [...] no fundo pouco importa a expressão, porque, para o próprio Lao-Tzu, ela era apenas uma espécie de sinal algébrico para algo impronunciável.

Apesar de Lao-Tzu não considerar a figura de um Deus pessoal, o Tao representa para ele um princípio criador e mantenedor de tudo o que existe.

Lao-Tzu acreditava que deixar a natureza agir sem interferências era a melhor alternativa para que todas as coisas tivessem solução, para que a ordem cósmica não fosse perturbada e, com essa perturbação, entrasse em um processo de desarmonia causadora de sofrimentos.

No entanto, a não-ação proclamada pelo pensador taoísta não se referia à inércia preguiçosa; na verdade, ela se constituía em uma forma de ação, porém não com vistas ao “eu”, mas sim ao Tao harmonioso. Era uma receptividade do que havia de mais profundo e metafísico no indivíduo⁶.

De acordo com Wilhelm (2017, p. 25): “Todo o enredamento com o mundo exterior empírico, através dos sentidos e dos apetites, é para Lao-Tzu uma coisa muito perigosa, que impede também o verdadeiro reconhecimento, porque produz apenas um brilho falso”.

3 Ideias semelhantes contidas nos textos sagrados

⁵ Não obstante Weber cite a tradição que o coloca como contemporâneo de Confúcio. WEBER, Max. **Ética econômica das religiões mundiais**: ensaios comparados de sociologia da religião. Tradução de Antônio Luz Costa e Gilberto Calcagnotto. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 283. Também o historiador Chen Jian descreve uma detalhada biografia do mestre chinês em forma de conto -relatando até mesmo um encontro entre Confúcio e o pensador Taoísta - em seu livro. Cf. JIAN, Chen. **La historia de Lao Tsé**. Traducción de Jeannine Diego. México: Lectorum, 2006.

⁶ “A verdadeira “não-atividade” seria uma atividade movida pelo espírito livre de interesse, de paixão, de ódio de ambição, de vantagem ou intenção de vingança. É assim uma renúncia ao mundo material que já conhecemos, um desapego das coisas terrenas no qual o “eu” individual não é o verdadeiro agente da ação, mas Deus”. Cf. SCHWEBER, Elías Margolis. El buen vivir: la búsqueda de su comprensión a través de diferentes filosofías. **Estudios políticos**, México, n.40, p.125-126, enero-abril, 2017, tradução nossa. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/ep/n40/0185-1616-ep-40-00123.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2021.

É possível se cotejar textos do Novo Testamento com declarações de Krsna na Bhagavad Gita, bem como de Lao Tzu no Tao-Te-king. Ao se executar tal ação é provável que se encontre aspectos semelhantes em determinados textos, porém essa ocorrência precisa ser analisada com cautela. À luz do que já foi aqui afirmado, a interpretação de um texto não se faz apenas lendo suas orações, é preciso considerar os contextos envolvidos, a intenção do autor e outros elementos que fazem com que um discurso escrito cumpra a finalidade para o qual foi proferido.

Para que se possa atingir os objetivos de análise aqui traçados, os cotejamentos serão feitos inicialmente entre textos do Novo Testamento e da Bhagavad Gita, nessa ordem. A seguir, serão feitas análises entre os textos do Novo Testamento e do Tao-Te-King.

A análise do presente estudo se iniciará a partir do Evangelho Segundo Lucas, em que é possível encontrar o seguinte relato:

Estando Jesus a observar, viu os ricos lançarem suas ofertas no gazofilácio⁷. Viu também certa viúva pobre lançar ali duas pequenas moedas; e disse: Verdadeiramente, vos digo que esta viúva pobre deu mais do que todos. Porque todos estes deram como oferta daquilo que lhes sobrava; esta, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento (BÍBLIA, Lc 21, 1-4).

A essência da ideia, encontrada no relato bíblico, de que o importante é doar de coração ao Senhor, também parece existir na afirmação de Krsna feita ao guerreiro Arjuna na Gita⁸: “Quem quer que Me ofereça uma oferenda por devoção, empenhando seu ser – [seja ela] uma folha, uma flor, um fruto [ou mesmo] água – Eu [a] como.” (FEUERSTEIN, 2019, p. 199).

O relato de Lucas — também encontrado no Evangelho Segundo Marcos, uma de suas fontes — representa bem o papel filosófico e teológico que o evangelista deseja imprimir aos seus escritos. Oriundo, provavelmente, de terceira geração de cristãos, Lucas escrevia especialmente para gregos ricos convertidos ao cristianismo e possuía a intenção de defender a fé, interpelando-os eticamente.

No texto, Jesus aparece observando as ofertas a Deus que eram depositadas no Templo e destaca a diferença de atitude entre os ricos, que ofertavam apenas como uma obrigação ritual, e a viúva pobre que “entregava tudo o que possuía”, demonstrando fé. É importante salientar

⁷ A tesouraria do templo ficava no pátio das Mulheres, no lado leste do templo de Herodes. Homens e mulheres tinham permissão para entrar nesse pátio, porém as mulheres não podiam adentrar os edifícios do templo. No pátio das Mulheres, havia 13 receptáculos, dispostos como megafones invertidos e posicionados para receber as ofertas dos adoradores. Cf. BÍBLIA DE ESTUDO ARQUEOLÓGICA NVI. São Paulo: Editora Vida, 2014, p. 1652.

⁸ Na tradução de Lorenz, baseada na edição inglesa do Yogi Ramacháraca comparada com a edição em sânscrito e latim de Schlegel, o texto da Gita parece se harmonizar ainda mais com o texto bíblico: “Sabe também, ó Arjuna! Que Eu aceito toda a oferenda que Me faça com amor: seja uma folha, uma flor, uma fruta ou apenas gotas de água. Eu não olho o valor da oferenda, mas o coração de quem a faz” Bhagavad-Gita: a mensagem do mestre. Tradução de Francisco Valdomiro Lorenz. 22. ed. São Paulo: Pensamento, 2017, p. 106-107.

que a mensagem aqui não se refere à caridade, mas à fé, ao entregar-se a Deus com o que possuir de melhor. Quem o fizer será mais valorizado pelo Senhor.

A evidente opção do Cristo evangélico pelos fracos e oprimidos — que também ocorria no Deus do Antigo Testamento pré-exílico nas pessoas dos órfãos, estrangeiros e viúvas — faz com que o contraste seja feito entre os ricos e uma viúva pobre, porém a intenção aqui não é condenar a posse de bens, mas a falta de dedicação ao Senhor.

No texto da Bhagavad Gita, Krsna, se colocando aqui na posição de Deus Supremo, alerta para o fato de que qualquer pessoa que “empenhar o seu ser”, ou seja, se entregar de coração e com fé a Ele, não importa a sua posição ou a sua oferta, Ele o receberá (comer). Aqui, como no texto bíblico, o tema é a relação do homem com Deus — uma oferenda por devoção; no entanto, neste texto, não há a oposição entre ricos e pobres, mas a abrangência a todos que busquem a Divindade.

O apóstolo Paulo, escrevendo aos coríntios, declara: “Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus.” (BÍBLIA, 1Co, 10, 31)

Desta vez, as palavras de Krsna a Arjuna — o filho de Kunti — são ainda mais semelhantes ao texto bíblico: “O que quer que faças, o que quer que comas, o que quer que sacrifiques, o que quer que dê, quaisquer que sejam as suas ascetes — faz [tudo] isso, ó filho-de-Kunti, [como] uma oferenda a mim.” (FEUERSTEIN, 2019, p. 199).

Paulo compreendia o ministério que lhe havia sido outorgado por Jesus mais como uma vocação do que como uma conversão; portanto, ele não considerava o cristianismo uma ruptura com o judaísmo, mas uma compreensão mais clara do Deus de Abraão revelado por meio de Cristo. Ao contrário do que entendia o judaísmo, que excluía todos os demais povos da Aliança com Deus, em Cristo os indivíduos possuem a liberdade de escolher participar ou não dessa Aliança, não importando sua nacionalidade.

É em nome dessa liberdade em Cristo que Paulo, certamente respondendo a perguntas feitas pelos membros da igreja de Corinto, passa a abordar os limites da liberdade cristã na relação com o outro (BÍBLIA, 1Co 10, 23-33). O apóstolo esclarece que se alguém for convidado para uma refeição por outro que tema comer carne sacrificada aos ídolos então deve também se abster de comê-las, ainda que entenda que sua liberdade em Cristo o faz saber que tal carne não o faria mal.

É nesse contexto que o apóstolo afirma que mais importante que o ato em si — comer ou fazer qualquer outra coisa — é a postura de amor e respeito ao outro em suas limitações, pois desta forma se está glorificando a Deus.

Não obstante a semelhança das palavras de Krsna às do apóstolo, neste texto da Gita o contexto é a relação do devoto com o Divino. Todo o capítulo nove, em que este texto está inserido, trata do tema. O Deus Supremo que é Bhrama, criador, que sustenta todos os seres deve ser adorado em essência; ou seja, o devoto deve adorar a Deus apenas por Ele ser Deus e não esperando algum tipo de recompensa, seja neste mundo ou no próximo.

Nem mesmo o resultado das ações deve ser esperado por aqueles que as praticam, sejam elas quais forem, mas deve-se desenvolver uma postura desinteressada, fazendo tudo como uma oferta a Deus.

É bem verdade que esse princípio também existe no cristianismo, porém, na comparação direta entre os textos, a orientação de Paulo aos coríntios diz respeito à relação do crente com Deus — glorificando-O por meio de sua relação com o outro. Na Gita, o texto aborda a relação do devoto diretamente com a divindade. Neste ponto, o texto da Gita também possui certa semelhança com a não-ação de Lao-Tzu.

Ainda na primeira carta de Paulo aos coríntios, encontra-se a seguinte afirmação do apóstolo: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas”⁹ (BÍBLIA, 1 Cor, 6, 12).

No verso 7 do capítulo três da Gita, Krsna diz: “Mas excelente é aquele que, ó Arjuna, controlando com a mente as faculdades [de cognição], dedica-se desapegado ao Karma-Yoga com as faculdades de ação.” (FEUERSTEIN, 2019, p. 121)¹⁰.

O apóstolo, assim como no capítulo 10 já visto, trata aqui dos limites da liberdade cristã. É interessante notar que uma versão bastante semelhante deste texto é encontrada no versículo 23 do capítulo 10.

Paulo está enfrentando aqui o problema de alguns irmãos da igreja de Corinto saírem com prostitutas. A orientação do apóstolo se fundamenta em três pilares da teologia paulina: a santidade da comunidade cristã, a perspectiva de que cada irmão é membro de Cristo e, portanto, seu corpo é templo do Espírito Santo, e a concepção da liberdade cristã. A abordagem, então, diz respeito à relação do indivíduo enquanto membro de uma comunidade diante de Cristo e santificada nele — em Cristo — e os limites que deve impor a si mesmo em virtude de tal relação.

⁹ Esta frase resume toda a moral paulina: já não se trata de saber o que é permitido e o que é proibido, mas de determinar o que favorece ou prejudica o crescimento do homem novo, regenerado em Cristo” Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2019, p. 2000.

¹⁰ Também aqui na tradução de Lorenz, o texto da Gita parece se harmonizar ainda mais com o texto bíblico: “Porém, é digno de ser chamado sábio e nobre aquele que sujeitou os seus sentidos a Deus, pelo amor ardente ao Altíssimo, e expressa o seu reto pensar em reta ação; ele cumpre o seu dever, sem esperar recompensas e, ocupando-se de objetos dos sentidos, não se deixa dominar por eles”. Bhagavad-Gita: a mensagem do mestre. Tradução de Francisco Valdomiro Lorenz. 22. ed. São Paulo: Pensamento, 2017, p. 45.

No texto hindu, surge o termo Karma-Yoga, caminho de autotranscendência sugerido por Krsna. Karma significa ação e Yoga se refere a um sistema que busca a purificação. A ideia é que Arjuna deve cumprir o seu dharma — sua função enquanto ser humano e membro de sua casta — porém, visando o Deus Supremo.

A orientação de Krsna, então, é que o homem ideal é aquele que controla com a mente os seus sentidos (na teologia paulina: a carne), porém sem renunciar absolutamente à matéria, mas usando-a de forma desapegada, sempre tendo por objetivo apenas o Deus Supremo. Este homem não precisaria, assim, isolar-se do mundo como os monges, mas viver no mundo cumprindo seu papel; contudo, não deve desejar desfrutar prazeres — e sem renunciar-lhes asceticamente —, obter recompensas, ou esperar qualquer resultado bom ou mal de suas ações, objetivando sempre a divindade, não o seu “eu”.

Aqui, assim como no texto paulino, existe a noção de relação entre o indivíduo e seu meio, pois o homem deve cumprir o seu dharma em sua comunidade; entretanto, também como em Paulo, não deve deixar-se dominar pela matéria e tê-la como um fim, mas usar suas ações e seus recursos para aproximar-se de Deus — que precisa ser o objetivo de tudo o que realizar e de sua própria vida.

Ao abordar a natureza da fé, o autor da Carta aos Hebreus escreve: “De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.” (BÍBLIA, Hb, 11, 6).

No último verso do capítulo 17 da Bhagavad Gita, Krsna afirma: “Qualquer oblação oferecida, [qualquer] ascese suportada, [qualquer coisa que] se faça sem fé – a isso se chama *asat*, ó filho-de-Pritha, e de nada [vale] para nós, [nem] aqui [nem] na outra vida.” (FEUERSTEIN, 2019, p. 297).

O autor da carta aos Hebreus ainda é um enigma. Pela semelhança com os textos paulinos, alguns atribuem a ele a autoria; já outros acreditam ter sido escrita por Apolo, ou mesmo algum cristão de geração posterior.

Sua mensagem, em forma de sermão, tem como ponto-chave lembrar a seus destinatários, já convertidos há bastante tempo, o significado e a importância da obra de salvação realizada em Cristo (MARGUERAT, 2015).

No texto, o autor, trata da relação do indivíduo com Deus, e estabelece a fé como critério para agradar ao Senhor e aproximar-se dele; utiliza, também, uma relação de exemplos de pessoas de fé, retiradas do Antigo Testamento, para fundamentar suas argumentações.

O autor afirma, entretanto, que o crente deve não apenas crer na existência de Deus, mas também que Ele recompensa àqueles que o buscam.

No capítulo 17 da Gita, Krsna está ensinando a Arjuna — filho de Pritha — a respeito dos tipos de fé e fazendo comparações entre as diversas motivações que podem existir nas ações devotas dos indivíduos. Enfatiza que as ações mais valorizadas, inclusive as religiosas, são as realizadas sem pensar em recompensas, nessa ou em outra vida; no verso em destaque, Krsna afirma que aqueles que praticam rituais religiosos sem fé terão suas ações consideradas nulas — asat — e não serão recompensados, nem nessa vida, nem na próxima.

Ambos os textos abordam a relação do homem com Deus e concordam que ele pode recompensar aos que o buscam com fé.

Diferentemente do Deus cristão da Bíblia e do Deus Supremo encarnado na pessoa de Krsna da Bhagavad Gita, o Tao de Lao-Tzu não apresenta uma personalidade clara; no entanto, tal fato não impede que existam semelhanças entre alguns textos de ambas as tradições religiosas.

No Evangelho de Mateus, o evangelista relata as seguintes palavras de Jesus: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á.” (BÍBLIA, Mt 7, 7-8). Já no capítulo 62 do Tao-Te-King de Lao-Tzu, encontra-se a seguinte afirmação: “Por que os antigos estimavam tanto esse Tao? Não será porque se diz dele: “O que pede recebe, o que pecou será perdoado”?” (WILHELM, 2017, p. 101).

O escritor do Evangelho de Mateus, provavelmente um judeu-cristão, escreve para outros judeus convertidos ao cristianismo, por isso seu texto enfatiza a posição de Jesus como o Messias esperado. No texto, Jesus aparece estimulando, provavelmente seus discípulos, o costume da oração. Os verbos pedir, buscar e bater são todos direcionados a Deus e o enfoque é a bondade do Senhor; por esta razão, no versículo 11, há uma comparação entre a nossa maldade enquanto pais e a bondade do Deus celestial, que dará coisas boas aos que o pedirem.

A estrutura do escrito de Lao-Tzu é semelhante a do livro de Provérbios, na Bíblia — uma compilação de pensamentos antigos em que o redator mesclou pensamentos seus. Em vista disso, difere da Bhagavad Gita, por exemplo, por não possuir um enredo que se possa seguir, de modo a obter outras informações que esclareçam melhor partes obscuras.

O capítulo 62 dedica-se a louvar o Tao — palavra normalmente traduzida por caminho — como uma dádiva incomparável, um tesouro para os homens de bem, mas que também não rejeita os maus; portanto, recebe aquele que O desejar com sinceridade, mesmo que quem pede tenha sido mau, pois este terá seus pecados perdoados.

Embora o texto bíblico demonstre muito mais uma relação com um Deus pessoal, o “Pai que está nos céus” do versículo 11, não existe no relato de Mateus a ideia de que Deus só

atenderá os bons; logo, assim como no Tao-Te-King, todos que pedem serão atendidos. Nota-se que ao se buscar a Deus, ou ao Tao, o solicitante já reconheceu seus maus caminhos, por isso pode ser perdoado.¹¹

No Evangelho Segundo Lucas, há um relato em que Jesus, ao esclarecer a seus discípulos uma resposta dada aos fariseus a respeito da vinda do Reino de Deus, diz em certo momento: “Quem quiser preservar a sua vida perdê-la-á; e quem a perder de fato a salvará.” (BÍBLIA, Lc, 17, 33).

No escrito de Lao-Tzu, em seu capítulo 29, o velho mestre chinês escreve: “O mundo é uma coisa espiritual, que não se deve manipular. Quem o manipula o destrói, quem quiser segurá-lo, perde-o.” (WILHELM, 2017, p. 65).

O forte enfoque ético dado por Lucas aos seus escritos, como já visto, aparece como um alerta, sobre a necessidade de estar pronto para a parusia. Ao contrário dos primeiros destinatários das cartas de Paulo a Tessalônica, que acreditavam que o fim viria ainda no seu tempo, Lucas considerava a demora da volta de Cristo, mas não a negava.

Ao comparar a parusia com os dias de Noé e os de Ló em Sodoma, o evangelista alerta que Jesus retornará quando ninguém estiver esperando; assim, era preciso, já naquele momento, que os cristãos colocassem o Reino de Deus como prioridade em suas vidas e abandonassem a busca pela satisfação dos desejos egoísticos.

No escrito taoísta, o mundo — o ambiente em que vivemos — é espiritual, divino e, por isso, merece respeito; logo, não se deve manipulá-lo. De acordo com Wilhelm (2017, p. 15), a palavra mundo é: “Usada aqui em sentido figurado, como “reino”, significando tratar-se de um organismo espiritual que não deve ser abordado por meio de artifícios exteriores”.

Dessa forma, o capítulo deixa claro que quem deseja os excessos, o domínio e o poder no mundo terminará por destruí-lo e perdê-lo.

O texto de Lao-Tzu se aproxima do de Lucas ao observar que buscar interesses egoísticos causa destruição e perda, mas se distancia do evangelista ao não considerar como motivo de uma louvável mudança de atitude alguma ação de Deus, como a parusia, foco do texto lucano.

Na segunda carta de Paulo aos coríntios, o apóstolo comenta uma resposta que, segundo ele, Deus o havia dado: “Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se

¹¹ É importante salientar a conotação espiritual do texto não obstante possa parecer que Mateus fala de dádivas materiais – “O Pai que está nos céus dará boas coisas aos que pedirem”. O sentido espiritual pode ser mais bem apreendido na versão dessas palavras de Jesus que se encontra em Lucas, onde se lê: “[...]quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?”. A diferença entre as versões talvez possa ser explicada pela diferença de público para os quais os textos foram escritos. Cf. LUCAS. In: BÍBLIA Sagrada. Barueri-SP: SBB, 2010. Tradução de João Ferreira de Almeida revista e atualizada.

aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo.” (BÍBLIA, 2Co, 12, 9)

No capítulo 55 do Tao-Te-King, encontra-se a seguinte afirmação: “Colocar a própria força a serviço da cobiça chama-se ser forte. Quando as coisas se tornam fortes, envelhecem. Tais coisas são contrárias ao Tao, e o que é contrário ao Tao logo chega ao fim.” (WILHELM, 2017, p. 94).

Na segunda carta de Paulo aos coríntios, o apóstolo responde a questionamentos que existiam na igreja de Corinto, a respeito de sua autoridade enquanto apóstolo de Cristo. Desde o capítulo 10, então, Paulo argumenta a respeito de sua autoridade e no início do capítulo 12 usa em sua defesa o relato de um arrebatamento que afirma ter experimentado. Em seguida, o apóstolo declara que para evitar sua autoglorificação lhe havia sido colocado (por Deus?) um “espinho na carne”, que o perturbava frequentemente. Nesse contexto, Paulo revela ter pedido a Deus a libertação de seu mal, porém recebeu a resposta relatada no versículo 9.

É importante ressaltar que parecia haver concorrência entre a autoridade de Paulo e a de outros apóstolos que haviam estado em Corinto (2Co. 11.1-15).

O capítulo 55 do escrito de Lao-Tzu inicia afirmando que aquele que tem plenitude de paz está livre dos perigos, pois é harmônico. É importante lembrar que um dos pilares da filosofia taoísta consiste em manter a harmonia com o cosmos, evitando agir em favor do interesse próprio, pois, dessa forma, se prejudicaria a sequência natural dos acontecimentos. Este é o fundamento da não-ação.

Em seguida, o sábio chinês afirma, como antítese desse pensamento, que colocar a força em favor da cobiça chama-se ser forte. Aqui, Lao-Tzu deixa claro que é a sociedade que considera tal pessoa forte – “chama-se” – mas que essa não é uma verdadeira virtude. O escritor conclui seu pensamento afirmando que essa atitude é contrária ao Tao, a harmonia natural, e aquilo que é desarmônico logo chega ao fim.

No texto de Paulo, o apóstolo faz uma comparação entre sua humildade que se gloria apenas em Cristo — e isso, segundo ele, é a maior prova de sua autoridade — e a soberba dos outros “apóstolos” concorrentes. A fraqueza, então, consiste na humildade e no desinteresse por recompensas do apóstolo e são essas características que o aproximam da força de Deus.

Lao-Tzu apenas tangencia a essência do texto paulino ao afirmar que agir motivado pela cobiça é contrário ao harmonioso Tao, portanto, uma atitude autodestrutiva. Embora a ideia de que a cobiça é contrária à paz não seja completamente contemplada nesse texto do apóstolo, ela não é estranha à doutrina de Cristo.

Na primeira carta de Pedro, o autor, fazendo uma interpretação cristológica da profecia de Isaías¹², escreve: “Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados” (BÍBLIA, 1Pe, 2, 24).

No escrito taoísta, em seu capítulo 78, se lê:

A fraqueza vence a força, a suavidade vence a dureza: todos na Terra o sabem, mas ninguém é capaz de agir assim. É por isso que um sábio disse: “Quem toma sobre si a lama do reino, esse é o Senhor dos sacrifícios da Terra. Quem toma sobre si a infelicidade do reino, esse é o rei do mundo.” (WILHELM, 2017, p. 117).

Pedro em sua primeira carta inicia, já no versículo 18 do segundo capítulo, encorajando os destinatários de seu texto — cristãos que sofriam algum tipo de perseguição — a suportarem suas dificuldades. O escritor traça como argumento uma conexão entre o sofrimento de cada cristão e a paixão de Jesus que, mesmo sem pecado, foi humilhado, condenado e crucificado como um malfeitor.

Nesse contexto, o autor resgata no versículo 24 um texto profético de Isaías e o interpreta à luz de sua cristologia, de modo a demonstrar aos cristãos a quem se dirigia que sofrer injustamente era estar conectado com Cristo e reconforta-os com a esperança escatológica da eleição.

A respeito do capítulo 78 do Tao-Te-King, Wilhelm (2017) comenta que o príncipe ou imperador era considerado, nos cultos da China antiga, o Senhor das oferendas da Terra e que declarar-se um culpado, responsável pelos males, era uma condição prévia de soberania.¹³

O capítulo inicia com uma figura clássica de Lao-Tzu, que compara a força do gotejar da água sobre uma superfície dura com o poder ilusório e passageiro dos governantes versus o acontecer natural das coisas. Em seguida, afirma que, embora todos conheçam que a força é uma ilusão, ninguém consegue agir em conformidade com essa verdade. O mestre chinês, então, encerra sua reflexão afirmando que aquele que toma sobre si os problemas do reino é o verdadeiro soberano. A conotação, aqui, parece ser uma oposição à atitude do que busca o poder.

O texto de Lao-Tzu se aproxima da argumentação do apóstolo no versículo cotejado ao enxergar naquele que assume as mazelas do mundo — em Pedro: Jesus — o verdadeiro

¹² Mas ele foi traspasado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (BÍBLIA, Isaías 53,5).

¹³ Na tradução do Mestre Wu Jyn Cherng o texto parece se harmonizar mais com uma referência aos cultos à deusa da terra: “Por isso o Homem Sagrado disse: Aceitar as impurezas do reino chama-se reger o cereal e a terra aceitar as desventuras do reino chama-se reinar sob o céu. Cf. LAO-TZU. **Tao Te Ching**: O Livro do Caminho e da Virtude. Tradução de Wu Jyn Cherng. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/le000004.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2021.

soberano, mas se afasta do texto petrino por não se referir a uma ação de Deus em favor dos homens.

4 O olhar teológico sobre as similaridades

Mesmo com diferenças importantes, os escritos sagrados das religiões analisadas neste artigo possuem um pano de fundo comum. A ideia de soberania divina é semelhante e a importância dada ao relacionamento de fé entre o homem e o divino também está presente de alguma forma nas três tradições religiosas.

Tais semelhanças podem contribuir para o estabelecimento de um diálogo entre as religiões, no sentido de facultar o entendimento de que todas elas representam caminhos rumo à interação homem e Deus. Dessa forma, ainda que se reconheçam diferenças inconciliáveis, não é justificável de forma alguma a perseguição, o preconceito e o embate no sentido “nós” versus “eles”.

É evidente que diálogo não é converter o outro a nossa fé, nem nivelar todas as tradições religiosas a um conceito comum. As diferenças devem ser percebidas e respeitadas; no entanto, é preciso compreender que, em última análise, a revelação de cada crença diz respeito a um mesmo Deus, ainda que em expressões diversas.

É importante entender que Deus não se revela apenas na tradição judaico-cristã e que, mesmo conforme a Bíblia, o Altíssimo vem se revelando muito antes de o povo judeu ser formado e que se revelou a soberanos e sacerdotes de outros povos. Portanto, é possível considerar todas as grandes religiões mundiais como revelações de Deus, pois de acordo com Queiruga (2010, p. 19):

Deus se revela sempre, o quanto é “possível”, em todas as partes e a todas as pessoas e culturas, na generosidade livre e irrestrita de um amor sempre em ato, que quer dar-se plenamente. De modo que os limites na revelação efetiva nascem apenas da incapacidade e do pecado humanos, que freiam, deformam ou não reconhecem a manifestação divina. É a recepção humana que torna tão obscura e dramática a história da revelação, tanto nas religiões da humanidade como no caminho peculiar da Bíblia.

A história da formação do povo de Israel comprova sua constante relação com religiões diversas e a construção de uma fé profundamente mesclada com elementos de tradições religiosas cananeias.

Conforme a perspectiva da Teologia das Religiões, não é mais possível entender a fé cristã de um prisma exclusivista, na perspectiva de que apenas os cristãos serão salvos e as demais tradições são “demoníacas”, pois, conforme Queiruga (2010, p. 170): “A teologia cristã

é convocada ao exercício hermenêutico de interpretar a mensagem cristã no novo contexto do pluralismo religioso”.

É preciso um olhar amplo a respeito das demais tradições religiosas, entendendo que elas não se resumem a seus rituais, de modo a evitar uma visão reducionista da realidade do outro que tanto já produziu preconceitos e perseguições na história da tradição cristã.¹⁴

A cultura do diálogo entre as tradições religiosas é premente em uma sociedade plural que tem visto na última década o afloramento de ideias intolerantes, pois o diálogo inter-religioso baseia-se, segundo Teixeira (2002, p. 157): “[...] na consciência viva do valor da alteridade e da riqueza da diversidade. Sem desconhecer a singularidade das diferenças, o diálogo aposta na possibilidade da renovação facultada pelo encontro”.

Portanto, o diálogo deve ser real e não falseado por uma aparência de compreensão que esconda a verdadeira intenção de absorver o outro em algum momento, caracterizando uma visão tão somente inclusivista, pois como afirma Queiruga (2010, p. 359): “[...] como a própria palavra sugere, ao conceber as demais em referência centrípeta em direção à própria religião, tende a vê-las “incluídas” nela mesma, com a consequência quase inevitável de querer assimilá-las”.

Do ponto de vista da teologia cristã ortodoxa, o diálogo foi muitas vezes prejudicado devido a interpretações equivocadas de expressões bíblicas, que pareciam colocar a religião cristã como o único caminho para a salvação. Tais interpretações não consideravam o aspecto apologético das expressões nem o contexto de necessidade de construção identitária da recente igreja cristã existente quando elas foram produzidas.

Dessa forma, ainda que houvesse um esforço inclusivista nos primeiros cristãos¹⁵, e mesmo em alguns escritores católicos da Idade Média¹⁶, tais esforços geralmente não iam além de um desejo de conversão do outro.

O diálogo não deve ter como objetivo a destruição da diversidade em favor da construção de uma religião cristã universal, pois seria inocente pensar que a tradição cristã é

¹⁴ De acordo com Tracy, referindo-se às interpretações equivocadas a respeito das religiões ocidentais ou orientais crer que “alguma religião seja realmente somente místico-metafísica ou somente ético-política parece ser uma ilusão produzida por alguma visão parcial da complexidade do todo.” Cf. TRACY, David. **A imaginação analógica: a teologia cristã e a cultura do pluralismo**. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2006. p. 271.

¹⁵ Justino de Roma em sua Apologia I diz que “Nós recebemos o ensinamento de que Cristo é o primogênito de Deus e indicamos antes que Ele é o Verbo, do qual todo o gênero humano participou. Portanto, aquele que viveram conforme o Verbo são cristãos, quando foram considerados ateus, como sucedeu entre os gregos com Sócrates, Heráclito e outros semelhante; e entre os bárbaros com Abraão, Ananias, Azarias e Misael e muitos outros. Cf. ROMA, Justino de. **I e II apologias/diálogo com Trifão**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 2016, p. 62.

¹⁶ De acordo com Tomás de Aquino: “A muitos dos gentios foi feita a revelação de Cristo, como claramente o demonstra o que predisseram[...] se, porém, houve os que foram salvos, a quem não foi feita a revelação, não o foram sem a fé no Mediador. Porque, embora não tivessem tido fé explícita, tiveram-na, porém, implícita na divina providência, crendo que Deus é o libertador dos homens, por modos que lhe aprazem[...]” Cf. AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. v. 3, 4. ed. Campinas: Editora Permanência, 2016. p. 56.

perfeita e completa no entendimento e relação com o divino, e que inexistem nela falhas. Talvez seja possível classificar manifestações religiosas mais razoáveis que outras, sobretudo no que tange ao respeito aos direitos individuais, porém no diálogo inter-religioso, como diz Queiruga (2010, p. 368):

Se se crê poder acrescentar algo a outra religião, somente cabe pensar em conservá-la enriquecendo-a ou inclusive ajudando-a a corrigir deformações ou defeitos. Acontece também quando nós aprendemos algo de outra religião (e quanto aprendeu a Bíblia de seu entorno e quanto temos aprendido muitos de nós da espiritualidade oriental nos últimos tempos!): não se trata de deixar de ser cristãos, mas sim de acolher em nossa religião os elementos valiosos que nos chegam de outra, mas que remetem à comum Realidade Divina.

Dessa forma, perceber que, não obstante a diversidade entre as teologias do cristianismo, hinduísmo e taoísmo, existem pontos relevantes em comum, nas ideias fundamentais destas três tradições, favorece o entendimento de que a pluralidade religiosa, longe de ser motivo de embate, pode contribuir para o enriquecimento da compreensão da revelação divina e mesmo dos atributos de Deus; ademais, quando existe o contato atencioso e aberto às outras religiões, favorece-se a percepção de novos aspectos do Mistério que escapam muitas vezes ao olhar da própria tradição religiosa (TEIXEIRA, 2012).

5 Considerações finais

A tradição cristã defende que Jesus, enquanto uma das pessoas da Trindade, estava presente desde o início da criação; assim, é eterno como o Deus-Pai e que, por meio dele, tudo foi criado, como parece argumentar o apóstolo João em seu Evangelho. Defende também que em diversos momentos Ele se revela, até mesmo falando, por vezes, diretamente com outros personagens bíblicos no Antigo Testamento.

Ao se partir da perspectiva de ação e revelação divina muito anterior à formação do povo judeu e, conseqüentemente, muito anterior ao cristianismo, não é difícil aceitar que Deus possa ter se revelado também a outros povos e que resida na diferença de recepção dessa revelação, por parte dos povos, a origem da diversidade de crenças.

Destarte, é preciso que se compreenda o contexto socio-histórico e mesmo literário em que foram produzidos e reproduzidos os escritos fundamentais de cada uma das grandes religiões mundiais, para que se possa perceber as aproximações de ideias contidas em tais escritos, possivelmente frutos de uma mesma fonte: Deus.

É evidente que não se pode nivelar todas as tradições como se fossem equipotentes, pois, cada uma tem suas particularidades e podem refletir de forma mais clara ou enigmática

certos aspectos da divindade; contudo, um olhar profundo sobre a diversidade pode ser capaz de captar as linhas centrais como um feixe de caminhos que buscam o mesmo Criador. Ideias como a onipotência do divino, a necessidade da fé no relacionamento com o sagrado e o aspecto criador da divindade estão presentes nos textos sagrados do cristianismo, hinduísmo e taoísmo.

Dessa forma, o presente artigo demonstra que o teólogo contemporâneo pode compreender as aproximações entre ideias fundamentais das três tradições religiosas aqui abordadas como um incentivo à cultura do diálogo inter-religioso.

Da mesma forma, suscita caminhos para novas investigações, como, por exemplo, a respeito da possibilidade de se repensar a apologética, assim como uma hermenêutica que considere o contexto da pluralidade religiosa, já ocorrente no ambiente de nascimento do cristianismo.

Outra possibilidade é o estudo da viabilidade da elaboração de currículos nos cursos de teologia cristãos que abordem as características teológicas de outras tradições religiosas de matriz não judaico-cristãs; tal iniciativa poderia contribuir para preparar, de forma mais adequada, futuros líderes religiosos para a realidade pluralista do mundo atual e, assim, evitar que se utilizem de argumentos equivocados e mesmo preconceituosos para a defesa da fé cristã.

Referências

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. 4. ed. Campinas: Editora Permanência, 2016. v. 3.

BHAGAVAD-GITA: a mensagem do mestre. Tradução de Francisco Valdomiro Lorenz. 22. ed. São Paulo: Pensamento, 2017.

BÍBLIA DE ESTUDO ARQUEOLÓGICA: Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2014.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2019.

BÍBLIA. Português. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica Brasileira, 2010.

BUCK, William. **O Mahabharata**: o clássico poema épico recontado em prosa por William Buck. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

FEUERSTEIN, Georg. **Bhagavad Gita**: uma nova tradução. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Pensamento, 2019.

GARCÍA-JALÓN, Santiago. **Linguística y exégesis bíblica**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2011.

JIAN, Chen. **La historia de Lao Tsé**. Traducción de Jeannine Diego. México: Lectorum, 2006.

LAO-TZU. **Tao Te Ching**: O Livro do Caminho e da Virtude. Tradução de Wu Jyn Cherng. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/le000004.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2021.

MARGUERAT, Daniel. O problema sinótico. In: MARGUERAT, Daniel. **Novo Testamento**: história, escritura e teologia. Tradução de Margarida Oliva. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 16.

NETO, Willibaldo Ruppenthal. **Hinduísmo**: conceitos, tradições e práticas. Curitiba: InterSaberes, 2020.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Repensar a revelação**: a revelação divina na realização humana. Tradução de Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulinas, 2010.

ROMA, Justino de. **I e II apologias/diálogo com Trifão**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 2016.

SCHWEBER, Elías Margolis. El buen vivir: la búsqueda de su comprensión a través de diferentes filosofías. **Estudios políticos**, México, n. 40, p.125-126, enero-abril, 2017, tradução nossa. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/ep/n40/0185-1616-ep-40-00123.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2021.

SEGUNDO, Juan Luis. **A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré**: dos sinóticos a Paulo. Tradução de Magda Furtado de Queiroz. São Paulo: Paulus, 2019.

TEIXEIRA, Faustino. Diálogo inter-religioso: o desafio da acolhida da diferença. **Perspectiva teológica**, Belo Horizonte, n. 34, p. 157, 2002. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periódicos/index.php/perspectiva/article/view/630/1053>. Acesso em: 09 jun. 2021.

TEIXEIRA, Faustino. O imprescindível desafio da diversidade religiosa. **Revista interdisciplinar de mobilidade humana**. Brasília, ano 20, n. 38, p. 184, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/Qn7vLzkzCVDJ3j85vPMRKFw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 jun. 2021.

THEODOR, Ithamar. Contexto e estrutura da Bhagavad Gita. In: SILVESTRE, Ricardo Sousa; THEODOR, Ithamar. **Filosofia e teologia da Bhagavad Gita**. Curitiba: Juruá, 2015.

TRACY, David. **A imaginação analógica**: a teologia cristã e a cultura do pluralismo. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

WEBER, Max. **Ética econômica das religiões mundiais**: ensaios comparados de sociologia da religião. Tradução de Antônio Luz Costa e Gilberto Calcagnotto. Petrópolis: Vozes, 2016.

WILHELM, Richard. **Tao-te-King**: o livro do sentido e da vida. Texto e comentário de Richard Wilhelm. Tradução de Margit Martincic. São Paulo: Pensamento, 2017.